

“Rock x José Sarney” – Os fanzines punks paulistas e suas interpretações da Nova República (1985-1990)*

Gustavo dos Santos Prado**

Resumo. Pretende-se, neste artigo, problematizar as interpretações que os *fanzines punks* de São Paulo fizeram do início da Nova República. Para tanto, o trabalho analisa as imagens de José Sarney que foram construídas e representadas nos impressos produzidos na segunda metade da década de 1980: *Violência Gratuita*, *Holocausto*, *Falange Anarquista*, *Chantagem Ocasional*, *Revolta do Subúrbio*, *N.C Punk* e *Pânico*.

Palavras-chave: *Punks*; *Fanzines*; José Sarney; Nova República.

“Rock x José Sarney” – The fanzines punks of São Paulo and their interpretation of the New Republic (1985-1990)

Abstract. Current paper problematizes the interpretations that frazine punks of São Paulo produced at the start of the New Republic. The images of José Sarney which were constructed and represented in magazines of the mid 1980s, such as *Violência Gratuita*, *Holocausto*, *Falange Anarquista*, *Chantagem Ocasional*, *Revolta do Subúrbio*, *N.C Punk* e *Pânico*, are investigated.

Keywords: *Punks*; *Fanzines*; José Sarney; New Republic.

“Rock versus José Sarney”: Los *fanzines* punks de San Pablo y sus interpretaciones de la Nueva República (1985-1990)

Resumen. En este artículo se pretende problematizar las interpretaciones de los fanzines punks de San Pablo sobre el comienzo de la Nueva República. Para ello, el trabajo analiza las imágenes de José Sarney, que fueron construídas y representadas en impresiones hechas durante la mitad de la década del 80: *Violencia Gratuita*, *Holocausto*, *Falange Anarquista*, *Chantaje Ocasional*, *Revolta del Suburbio*, *N.C Punk* e *Pánico*.

Palabras Clave: *Punks*; *Fanzines*; José Sarney; Nueva República.

* Artigo recebido em 07/08/2014. Aprovado em 05/01/2015.

** Mestre e doutorando em História pela PUC, São Paulo, Brasil. Bolsista Capes. E-mail: gspgustavo.historia@hotmail.com

Introdução

Os *fanzines punks*, produzidos na década de 1980, se configuram como uma fonte rica para problematizar uma parcela da história recente da República Brasileira. Esse tipo de impresso, que surgiu nos EUA em meados de 1930, com as publicações de ficção científica, ao longo do tempo, assumiu as características de um “magazine de fã” (MAGALHÃES, 1993, p. 8-10). Alternativo e amador, os *fanzines* ajudaram a difundir as bandas punks, formando uma rede complexa de circulação, distribuição e formas de expressão.¹

Por ser um estilo musical híbrido (CANCLINI, 2000), o rock ramificou-se em várias faces e mercados, logrando êxito na grande mídia, bem como na constituição de um cenário *underground*.² Os grupos punks brasileiros, que integraram essa cena, foram influenciados por uma proposta artística que tivera como norte um conjunto de temáticas alinhadas com perspectivas sociopolíticas. Nesse caso, o punk brasileiro da década de 1980 foi influenciado diretamente pela moção do empresário Malcolm McLaren³ e de grupos como Sex Pistols, The Clash, Exploited, The Dammed (Inglaterra), Ramones (EUA), Kaoos, Laahaus e Rattus (Finlândia), dentre outros.

¹ Assim, são *fanzines* as publicações que trazem textos diversos, histórias em quadrinhos do editor e dos leitores, reprodução de HQs antigas, poesias, divulgação de bandas independentes, contos, colagens, experimentações gráficas; enfim, tudo que o editor julgar interessante (GUIMARÃES, 2005, p. 11-12). O primeiro *punkzine* (*fanzine punk*) foi editado por Mark Perry, bancário americano de 19 anos de idade. No ano de 1976, o referido jovem assistiu a um show dos Ramones e resolveu escrever uma crítica sobre a banda. O *Sniffing Glue* (Cheirando Cola) saiu com 200 cópias e, desde sua origem, incentivava outros jovens a produzirem seus impressos (MAGALHÃES, 2013, p. 54).

² São consideradas pertencentes ao rock *underground* aqueles grupos ou bandas que compartilham uma crítica à cultura de massas presentes em muitas vertentes do rock “comercial”. Rock independente ou rock alternativo também são termos utilizados para designar o rock *underground*. “(...) as bandas de rock *underground* são aquelas que não participam diretamente de grandes eventos midiáticos, sendo quase sempre marginalizadas pela mídia e sociedade em geral, desenvolvendo, dessa forma, uma rede própria de comunicação e divulgação, e uma cena alternativa” (RIBEIRO, 2004, p. 46).

³ Homem de negócios. Empresário informal e figurinista dos New York Dolls. Ex-empresário dos Sex Pistols (MCNIEL; MCCAIN, 2013, p. 454).

O vértice político, a afeição pelo anarquismo, a formação de bandas de garagem e o lema “*do it yourself*” (faça você mesmo), polarizaram a atenção de vários jovens alocados na periferia da cidade de São Paulo. Essa relação dialógica (BAKTHIN, 2008, p. 207) contribuiu para que o movimento musical ficasse conhecido por seu “*ethos*” de protesto e engajamento social. Cólera, Garotos Podres, Ratos de Porão e Olho Seco são exemplos de bandas paulistas que possuíam essas características.⁴

Arquitetado para promover a circulação de informações entre os integrantes do movimento punk *underground*, os *fanzines* brasileiros surgiram em 1982, na cidade de São Paulo. “*Factor Zero*”, o “*MD*” e o “*SP Punk*”⁵ foram os pioneiros, havendo uma expansão gradativa dos impressos ao longo da década de 1980. Além de temas políticos, eles comentam sobre bandas, músicas, shows e discos, bem como assuntos que se tornaram de valia para o movimento *punk*, tais como anarquismo, militarismo, corrida armamentista, questão ambiental, trabalho, salário e inúmeros outros acontecimentos que se fizeram presentes na cultura dos seus integrantes.

Como pode ser observado nas figuras que serão analisadas logo abaixo, o *fanzine* utiliza-se da “estética da colagem”. Tal técnica que foi usada por Braque e Picasso, em torno de 1911, na primeira fase do cubismo, concede ao plano perspectivo um sistema figurativo eminentemente crítico, visando à apreensão da realidade; por consequência, incorpora à arte o que está ao alcance da mão (MARTINS, 2007). Dessa forma, um editor de *fanzines* valia-se

⁴ De modo geral [...] “eram grupos de jovens descontentes com o estado geral das coisas, num leque amplo e difuso, que vai das alternativas de lazer às perspectivas profissionais, às normas sociais, à situação do país e com um anseio por agitação. Esses jovens encontraram, no ideário punk, uma maneira de atuar, algo em torno do qual estruturar uma divisão genuína, intensa, que fornecesse ao mesmo tempo uma identidade singular e uma forma de expressar a insatisfação” (ABRAMO, 1994, p. 93).

⁵ Os *fanzines* encontram-se no Centro de Documentação e Informação Científica (CEDIC-SP), instituição vinculada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O arquivo “Movimento Punk” está alojado nas caixas 36 a 45 e contém impressos de todo o Brasil. Há, ainda, *fanzines* importados, periódicos anarquistas, *folders*, recortes de jornais etc.

do uso do “recorta e cola” de matérias, fotos, entrevistas, desenhos e impressos que, em geral, foram extraídos de inúmeros outros veículos impressos. Tais condutas diante da face rebelde do rock resultaram em um tipo de arte que flerta com a agressividade e o protesto. O fim da montagem estava selado com a retirada de uma cópia do *fanzine* em uma fotocopiadora.

A péssima condição de vida dos editores coadunou para a manutenção da estética supracitada, fortalecendo o caráter de repulsa dos impressos. Tal postura, ainda, foi alimentada pelas ranhuras que existiram no período de transição política, ou seja, o final da “Ditadura Civil – Militar” (CHAUÍ, 1980) e o início da Nova República. Valendo-se das dificuldades daquele momento, os punks paulistas promoveram inúmeras representações (CHARTIER, 1990, p. 17) da esfera política, que podem ser problematizadas.

Isso posto, questiona-se: que interpretações os *fanzines* paulistas fizeram em torno da Nova República? Quais os tipos de representações que foram orquestradas em torno da imagem de José Sarney? De que modo os impressos punks de São Paulo podem contribuir para problematizar aquele momento? Com essas indagações, o texto encaminha uma análise visando dar cabo do tema central para, posteriormente, indicar alguns apontamentos conclusivos.

1 Os *fanzines punks* paulistas e suas interpretações da Nova República (1985-1990)

O *fanzine* configura-se como um tipo de “mídia radical”, ou seja, a mídia que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas, sendo, portanto, contra-hegemônica (DOWNING, 2002). Nota-se que o Presidente José Sarney aparece ao lado do general Leônidas Pires Gonçalves (ministro do Exército) e Ulisses Guimarães (líder do movimento das Diretas Já). As legendas para a foto “A ditadura dos três patetas” e “Saída de Emergência antes que o Brasil Acabe!” impulsionaram as perspectivas das críticas.

Figura 1 - *Violência Gratuita*. São Paulo, 1988.



A interpretação da montagem denota uma profunda descrença dos integrantes do movimento punk paulistano, com relação à Nova República. Esse sentimento foi germinado em um período anterior à posse de José Sarney, e suas raízes podem ser encontradas no movimento das periferias da década de 1970, bem como nos desdobramentos políticos das “Diretas Já”.

Ao longo do governo de Ernesto Geisel e João Figueiredo, houve uma ampla mobilização dos habitantes da periferia da cidade de São Paulo. A ação do cristianismo nas comunidades de base, o “novo sindicalismo”, os clubes de mães da periferia sul, o movimento do custo de vida, a oposição metalúrgica e o movimento de saúde da periferia leste; foram algumas articulações populares que se estruturaram ao longo da década de 1970 (SADER, 1988). O movimento punk paulista foi se constituindo nesse processo, pois os jovens almejavam a criação de um circuito alternativo para discutir os problemas que afetavam sua existência naquele momento: miséria, violência policial, desemprego, corrupção, inflação, entre outros já

citados. Dessa forma, a cultura punk recorreu “às matrizes discursivas da contestação para repensar o cotidiano das classes populares” (SADER, 1988, p. 194).

Essa volúpia de ações foi pavimentando o discurso democrático, que tinha como eixo central a politização do espaço público. Desse modo, ruas e praças foram sendo ocupadas, e foram nelas que vários agentes perceberam o seu papel na reconstrução da democracia. Contudo, essas aflições foram negadas no movimento das “Diretas Já”, pois a elite política optou por esconder as heterogeneidades e conflitos daquele (NAPOLITANO, 1996, p. 130), em detrimento da criação de um “mito fundador” do novo regime republicano, que tivera como baliza central os partidos e a classe política. Assim, não se levou em consideração o histórico de lutas e as reivindicações dos movimentos populares, deixando-as à revelia.

Diante desse quadro, o *fanzine* acima representou a transição política que culminou na Nova República pela ótica da continuidade com o regime político anterior, e não como um elemento de transformação política e social. Ademais, o *fanzine* *Violência Gratuita* trouxe em sua capa uma representação paradoxal, na qual políticos do novo regime (Sarney e Tancredo) estão juntos ao partícipe militar. Para condenar essa ligação, o editor do *fanzine* desenhou um “X” em cima da face de cada um dos representados, sintetizando sua negação à Ditadura Civil – Militar e à Nova República que se iniciara.⁶

⁶ Como salienta Didi-Hüerman: “Então começamos a compreender que cada coisa a ver, por mais exposta, por mais neutra de aparências que seja, torna-se inelutável quando uma perda a suporta – ainda que pelo viés de uma simples associação de ideias, mas constrangedora, ou de um jogo de linguagens – e, desse ponto nos olha, nos concerne, nos persegue” (2010, p. 33). O artigo valeu-se da proposição do autor com relação à análise de imagens, em especial, seu intento de colocar aquelas em constante movimento, superando qualquer tipo de crença ou tautologia (argumento pelo argumento) (p 188).

As representações de continuidade entre os regimes políticos são muito comuns de serem encontradas nos *fanzines* de São Paulo. Em tom satírico, na figura 2, o termo “República” foi completado com o símbolo do anarquismo que, por sua vez, sintetiza o mote político ideológico, ao qual o movimento punk tinha afeição. A colagem realizada procura criar um jogo cênico, no qual José Sarney e um militar se olham mutuamente, com afeição e respeito. Toda a trama tem como pano de fundo uma montagem da bandeira brasileira sem as estrelas e seu lema: “Ordem e Progresso”, que foi radicalmente apagado por intermédio de um risco.

Figura 2 - *Holocausto*. São Paulo, 1986.



Para muitos editores punks, essa revolta em torno da imagem de José Sarney foi alimentada pelo fato do então presidente ter sido membro efetivo da Arena (Aliança Renovadora Nacional), partido político militar que governou o país durante todo o período ditatorial. Além de sua trajetória política, o ex-presidente carregava uma “aura” que sintetizava o fracasso da Emenda Dante de Oliveira (1984), que previa eleições diretas para presidente; sendo, contudo, negada. Logo, Tancredo Neves e José Sarney foram eleitos indiretamente por um colégio eleitoral, findando naquele momento com o objetivo maior das “Diretas Já”. Para os *fanzines*, a

privação de direito para a eleição do cargo executivo federal foi outro argumento favorável para o não reconhecimento do novo regime republicano. Com a morte de Tancredo Neves e a posse de José Sarney, os editores dos impressos paulistas alinharam-se nas críticas.

A desaprovação ao governo de José Sarney se ramificou em várias direções. Em um plano geral, a dificuldade do presidente de ajustar a economia foi algo bastante discutido nos *fanzines* paulistas. No entanto, sabe-se que os problemas econômicos da década de 1980 foram embrionários durante a Ditadura Civil – Militar; afinal, os pacotes econômicos daquele momento tiveram como base um crescimento alicerçado com a vultosa contribuição do capital externo e a gradativa diminuição do salário mínimo. Esse círculo vicioso tivera seu ápice durante o governo de Emílio Garrastazu Médici, que tratou de alinhar os resultados positivos do “Milagre Econômico” à promoção retumbante de uma imagem neopopulista, o que resultou em uma representação de “onipotência do regime” (GASPARI, 2004, p. 45). O conflito do Yom Kipur (1973) e o apoio norte-americano ao governo israelense resultaram em uma retaliação do mundo árabe às pretensões do Ocidente. A elevação do preço do barril do petróleo colocou a economia mundial em colapso, o que desnudou a fragilidade do Milagre Econômico. Por conseguinte, ao longo do governo de Ernesto Geisel, a economia brasileira manteve um crescimento modesto,⁷ e no momento da transição política, a realidade financeira nacional já era bem diferente.

José Sarney tomou posse em meio a uma grande crise econômica. Seu principal desafio estava na contenção da espiral inflacionária (ALMEIDA,

⁷ “O presidente (Médici) sabia que não legaria um Milagre Econômico ao seu sucessor. Fechara 1975 com um crescimento de 4,2% do PIB e a inflação em 29,4% (5,1 pontos abaixo da de 74). Aumentara as exportações em 8% em um ano em que o comércio mundial se expandira 5%. Baixara o déficit comercial de 4,7 para 3,5 bilhões de dólares. Até que não foi mau, mas dos tempos de Delfim Netto restava apenas saudade. O II PND, de Reis Velloso, tornava-se vaga esperança” (GASPARI, 2004, p. 234).

2011, p. 68-69). Contudo, ao longo dos cinco anos de mandato, os índices econômicos tornaram-se cada vez mais precários: a inflação chegou a 1.000% ano, o setor público endividou-se de maneira significativa, houve quedas nas safras agrícolas e na produção industrial e uma gradativa redução do crédito (CAPELLARI, 2004). Os planos Cruzados (I e II), Bresser e Verão ficaram aquém de resolver esse desgaste econômico. Logicamente, a condição de vida da população das periferias foi assumindo uma faceta ainda mais pauperizada, o que revoltou os editores de *fanzines*.

O *Falange Anarquista*, na figura 3, representou o presidente com chifres e um tridente, associando este a um demônio, o que denota um profundo sentimento de descrença com o político, bem como alude à sua conduta um papel destrutivo. O intento de brechar a bolha inflacionária por intermédio do arrocho salarial e o tabelamento/congelamento dos preços agravou ainda mais a condição de vida da população.

Figura 3 - *Falange Anarquista*. São Paulo, 1987.



Proposto em 28 de fevereiro de 1986, o Plano Cruzado, que se valeu das medidas supracitadas, não foi bem avaliado pelo *Almanaque Zine*. As deliberações tomadas por José Sarney lograram êxito, ou seja, contiveram a espiral inflacionária. Com isso, o apoio da mídia ao PMDB fizera do partido um sucesso eleitoral nas

eleições para governador: 22 vagas foram preenchidas por políticos da sigla. Contudo, a efetividade do Plano Cruzado tivera duração efêmera, pois o presidente quis valer-se do sucesso eleitoral para impor ações econômicas ainda mais restritivas. O fracasso do Cruzado II impôs uma dura realidade a Sarney: faltava ao governo credibilidade e autoridade, o que gerou uma articulação das esquerdas, principalmente pela via do movimento grevista (ALMEIDA, 2011, p. 76).

A figura 4 traz essa atmosfera, afinal, a nota de 200 cruzados foi colada virada para baixo; ou seja, simbolizando uma moeda em decadência. O fanzine colocou-se contrário a essas mudanças monetárias, pois suas durações efêmeras demonstravam aos editores que o Brasil não tinha um presidente à altura de sanar as dificuldades econômicas daquele momento. De certa forma, muitos editores desejavam uma melhoria na condição de vida diária que, logicamente, não seria alcançada sem a resolução da questão inflacionária. O *Almanaque Zine* retratou uma parcela da atmosfera de incredulidade que foi sentida naquele momento, no qual havia inúmeros problemas que, na visão dos cidadãos, não teriam condições de serem remediados. Consequentemente, a frase que acompanha a imagem traz um teor satírico, porém, fundido a um forte discurso cético: “O cruzeiro afundou numa noite de chuva e foi culpa do doutor que fundou a ditadura. Agora não adianta chover no molhado porque os seus mil cruzeiros só valerão um cruzado”.

Há inúmeras formas pelas quais os punks representaram as consequências sociais do Plano Cruzado, e todas elas contribuíram para cimentar uma avaliação negativa do presidente José Sarney. Outro ponto que incomodou os editores foi o alinhamento gradativo da política externa brasileira aos preceitos do neoliberalismo. Sabe-se que esse posicionamento foi carregado de tensividade, afinal, o governo brasileiro não tinha credibilidade externa, o que dificultou a capacitação de recursos. A decretação da moratória da dívida pública corroborou ainda mais para a consolidação da imagem negativa do país (PRADO; MIYAMOTO, 2010, p. 73).

Figura 4 - *Almanaque Zine*. São Paulo, s.d.

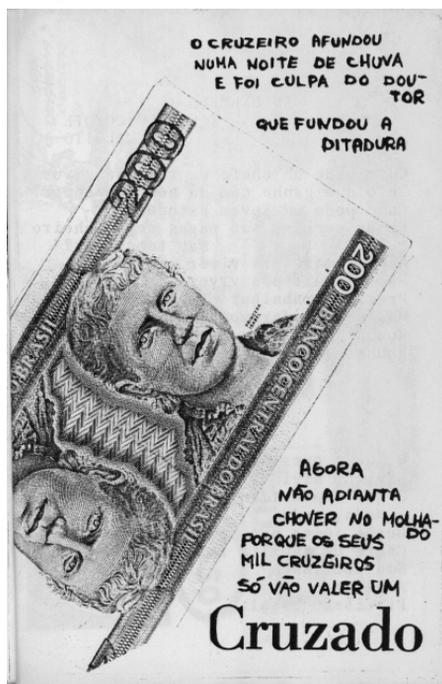


Figura 5 - *Chantagem Ocasional*. São Paulo, 1987.



Diante desse quadro, Sarney delegou ao Estado brasileiro um papel protagonista, almejando um desenvolvimento nacional mais autônomo (PRADO; MIYAMOTO, 2010, p. 68). Contudo, a criação do Conselho Ministerial de Privatização (1985), o estabelecimento do Programa Federal de

Desestatização (1988) e a gradativa diminuição da ação do Estado em serviços públicos, visando à transferência de responsabilidade para o setor privado – foram medidas tomadas em seu governo almejando acalmar os ânimos dos investidores (ALMEIDA, 2011). Todas essas determinações criaram uma base fundamental para a consolidação da política neoliberal, que foi solidificada nos governos de Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso.

Figura 6 - *Violência gratuita*. São Paulo, 1987.



Os *fanzines* paulistas trazem várias associações do Presidente José Sarney com as imagens de Ronald Reagan (presidente norte-americano) e Margaret Thatcher (ministra britânica); afinal, ambos defenderam assiduamente a implantação da agenda neoliberal, visando desonerar o gasto do Estado com políticas sociais – o que pulverizou as pretensões do modelo de *Welfare State*, considerado por muitos economistas o réu da crise econômica. Diante desse jogo de relações econômicas, os *fanzines* retratam a miséria a os quais muitos editores foram submetidos, e essa característica foi um dos efeitos mais marcantes de toda a era Sarney: “O Brasil está entrando novamente no recesso, e logo começará o desemprego, e como consequência a fome” (FALANGE ANARQUISTA, São Paulo, 1986).

Figuras 7 e 8 - *Revolta do Subúrbio*. São Paulo, 1986.



A colagem de uma criança desnutrida e a foto de cidadãos, esperando atendimento médico, dialogam com a “previsão” do Fanzine *Falange Anarquista*. Os impressos punks produzidos em São Paulo retratam com veemência a realidade que muitos editores presenciavam nos subúrbios da metrópole. Por conseguinte, além de caracterizar a cena *underground* e mantê-la em atividade, os *fanzines* tiveram essa via de protesto, que ofereceu aos integrantes do movimento punk possibilidades para discutirem as causas e conseqüências de sua condição social.

Outro ponto que o movimento *punk* paulistano refutou do governo de José Sarney foi a “Constituição Cidadã” (1988). Tal constatação se configura de extrema valia, afinal, a nova Lei Federal possibilitou um avanço substancial no exercício democrático. Todavia, a maioria dos *fanzines* paulistas não fez uma apologia positiva à carta.

Essa posição de afastamento dos editores punks com relação à constituição está em sintonia com a descrença generalizada na política, que por sua vez, foi alimentada pela péssima conduta de José Sarney na esfera econômica. Para o movimento punk paulistano, a lei em si não tiraria seus integrantes do estado de pobreza. Com isso, mesmo sendo um evento de

relevo para a história recente da República Brasileira, a constituição foi retratada nos *fanzines* de forma secundária e malquista:

No ano de vigência da nova lei, houve no interior dos impressos paulistas uma série de “campanhas” que incentivavam o voto nulo. Essa conduta dos punks paulistanos tinha coerência à luz dos desdobramentos históricos da Nova República, afinal, o direito ao voto havia sido negado no momento de pleno fervor das “Diretas Já” e não seria a constituição que mudaria a visão dos punks com relação à esfera política. Em 1989, ano de publicação do *fanzine* *N.C Punk*, a imagem de José Sarney e de inúmeros personagens políticos já haviam caído em um limbo de descrédito total – o que explica as frases de impacto que estão retratadas na figura 9.

Visto que se criou uma atmosfera de incerteza, vários impressos começaram a valer-se de frases de escritores anarquistas para legitimar seu ceticismo com relação à estruturação de uma nova constituição: “É necessário ser imbecil, ignorante ou louco para uma constituição qualquer, ainda a mais liberal e democrática, possa melhorar as relações do Estado com o povo” (PÂNICO, São Paulo, s.d.). O teor contundente do excerto de Mikhail Bakunin e de vários anarquistas concederam possibilidades aos punks de representarem sua contrariedade diante dos eventos que foram orquestrados pela classe política, durante a Nova República. Infelizmente, a decadência do circuito de *fanzines punks*, no início da década de 1990, limita uma análise de relevo diante das possíveis repercussões que a campanha do voto nulo tivera.

Figura 9 - *N.C Punk*. São Paulo, 1989.



2 Apontamentos conclusivos

A representação de um presidente com feições confusas e a bomba pronta para explodi-lo trazem, de forma sintética e cômica, a visão que o movimento punk paulistano construiu em torno da figura de José Sarney. Em vários *fanzines*, o político tornou-se o símbolo de todo o pandemônio que permeou o início da Nova República. Mesmo sintetizando “novidade”, o governo, que começou em 1985, foi marcado por uma série de atritos, os quais afetaram diretamente a população mais pobre.

Figura 10 - *Violência gratuita*. São Paulo, 1989.



O indeferimento da emenda Dante de Oliveira foi um duro golpe à democracia, pois afetou toda a “aura” de liberdade que foi construída ao longo das “Diretas Já”. Reproduzindo uma visão daquele momento, a maior parte dos editores de *fanzines* não conseguiu visualizar algo positivo na Nova República. Eleito indiretamente por um colégio eleitoral formado por militares, José Sarney foi representado nos *fanzines* não pela ótica da novidade, mas como retrocesso. Por trás dessa imagem estava toda a trajetória política do presidente, que esteve alinhada com a perspectiva da Ditadura Civil–Militar.

Na esfera econômica, José Sarney encontrou um país falido e, na medida em que seus planos econômicos não surtiram efeito, sua imagem arranhada foi ganhando novos riscos. Para o movimento punk paulistano, o presidente não conseguira sanar os problemas, pois vinha de uma carreira política que canalizava o atraso. Conforme a miséria foi sendo ampliada, em razão da má gerência do presidente, os editores buscaram reproduzir nos *fanzzines* a sua condição de pauperização, e esta, por sua vez, tinha suas raízes engendradas na falácia do “Milagre Econômico”. Frisa-se que somente os *fanzzines* não foram suficientes para as críticas ganharem maiores dimensões, uma vez que sua tiragem era baixa e efêmera, o que motivou vários grupos a trilharem o caminho da grande mídia.

Por fim, para os *fanzzines punks* de São Paulo, José Sarney era uma simbiose de um político que agregava o atraso e o fracasso, visão esta endossada por impressos de outras cidades e regiões do Brasil. Contudo, para o movimento punk, esses adjetivos poderiam ser desdobrados para qualquer instância ou instituição da Nova República. Nesse ponto, os *fanzzines* deixam claro que o presidente e o novo regime carregavam vícios de governos anteriores, sendo o descaso com a camada social mais pobre a praxe que mais enervou os punks paulistas e que fundamentou as representações que esses sujeitos fizeram com relação à Nova República.

Referências

- ABRAMO, Helena Wendell. *Cenas Juvenis*. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. *História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil (1978-1989)*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- ALMEIDA, Monica Piccolo. *Reformas Neoliberais no Brasil: A Privatização nos Governos Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso*. Rio de Janeiro, 2010. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, 2010.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 4ª edição. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2ª edição. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 2000.

CAPELLARI, Pedro. *Brasil - Concentração de renda: indicadores sociais e política econômica dos anos 80*. São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAUÍ, Marilena. A não-violência do brasileiro, um mito interessantíssimo. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; PRADO, J. R. Bento. (Orgs.). *Almanaque 11: Educação ou Desconversa?* São Paulo: Brasiliense, 1980.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. 2ª edição. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010.

DOWNING, John D. H. *Mídia radical: Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais*. 2ª edição. Trad. Silvana Vieira. São Paulo: Editora Senac, 2002.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Encurralada*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

GUIMARÃES, Edgar. *Fanzine*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

MAGALHÃES, Henrique. *O que é fanzine*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

MARTINS, Luis Renato. Colagem: investigações em torno de uma técnica moderna. *Revista ARS*. São Paulo, v. 5, n. 10, p. 50-61, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ars/v5n10/06.pdf>>. Acesso: 21 set. 2013.

MCNEIL, Legs; MCCAIN, Gillian. *Mate-me por favor*. A História sem censura do punk. 6ª ed. Trad. Lúcia Brito. Porto Alegre: L&PM, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura e Poder no Brasil Contemporâneo*. Curitiba: Editora Juruá, 1996.

PRADO, Débora Figueiredo Barros do; MIYAMOTO, Shiguenoli. A política externa do governo Sarney (1985-1990). *Revista de Economia & Relações Internacionais*. São Paulo, v. 8, n. 16, p. 67-81, jan. 2010. Disponível em: <http://www.fAAP.br/faculdades/economia/ciencias_economicas/pdf/revista_economia_16.pdf>. Acesso: 02 agosto. 2014.

RIBEIRO, Hugo. Notas preliminares sobre o cenário *underground* em Aracajú (SE). In: ROSA, Ornelas Pablo. *Rock Underground: uma etnografia do rock alternativo*. São Paulo: Radical Livros, 2007.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: Experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.